

18º. Domingo depois de Pentecostes Próprio 23

1ª leitura (Antigo Testamento) - Amós 5:6-7, 10-15

O profeta Amós teve sua atuação por volta do ano 750 a.C. Nesta época já faziam quase 200 anos que o reino de Davi e Salomão tinha se dividido em dois. O reino do norte, chamado Israel, contava com 10 das doze tribos e o reino do sul, chamado Judá, tinha ficado com apenas duas. No entanto, a monarquia no norte era bem mais instável por causa do controle exercido pelas lideranças tribais. Jeroboão II foi o primeiro a anular completamente o controle tribal e submeteu o povo a "aflição (...) mui amarga, porque não havia nem escravo, nem livre, nem quem socorresse a Israel" (2 Rs14:26). Amós era um trabalhador que viajava entre o limite sul de Israel (Betel, cf. 5:6 e 7:10) e o sul de Judá (Tecoá, de onde era natural, cf.1:1). Ele viu a grande miséria do povo de Israel que vivia à margem da justiça sendo oprimido por pesados tributos (5:7 e 11). Na época os tribunais funcionavam nas portas das cidades mas mesmo lá não havia mais justiça mas corrupção (5:12). Diante disso o povo ficou em silêncio, sem palavras, sem esperança, sem rumo (5:13). É no silêncio deste povo que Deus fala através do profeta Amós. Neste texto a orientação de Deus é clara: *"Aborrecei o mal, e amai o bem, e estabelecei na porta o juízo; talvez o SENHOR, o Deus dos Exércitos, se compadeça do restante de José"* (5:15, Almeida).

Deus não estabelece uma esperança mágica de uma luta de super-heróis do bem contra o mal mas um caminho que *"talvez"* (em hebraico *'uly*), dependendo do esforço e da dedicação a ele dispensado, traga dias melhores. Amós fala da misericórdia de Deus para com o *"resto"*. O conceito de *"resto"* não significa necessariamente minoria. São todas aquelas pessoas que eram oprimidas e injustiçadas, sendo assim pode ser a maioria. É muito semelhante ao que vemos hoje na globalização. Se fala muito que a *"humanidade"* atingiu importantes avanços tecnológicos, de saúde, de consciência de liberdade e igualdade, mas na verdade os bens de nossa civilização estão nas mãos de uma diminuta minoria enquanto a maioria vive em condições totalmente desumanas (pois este seria o resto de Amós). (HMG)

2ª leitura (Epístola) – Hebreus 3.1-6

"Vocês participam de uma vocação que vem de Deus...". Em seu paradoxo humano-divino, o que recebeu o maior destaque, segundo a leitura do domingo passado, foi a participação do Cristo, em nossa condição frágil, ambígua, problemática e mortal. A leitura de hoje destaca a nossa participação celestial.

Celestial equívale a dizer o alvo da vocação e seu recurso divino. Já foi insinuado em 2.10 - à glória, isto é, participação da glória de Deus em Cristo. Nesse empreendimento, Cristo tem a função de ser misericordioso e fiel como já foi insinuado em 2.17. Só que neste bloco 3.1-4.13 a fidelidade recebe o tratamento em primeiro lugar. E, em 4.14-5.10, a misericórdia.

Essas são qualificações do Sumo Sacerdote, novo e único em Hebreus, o Apóstolo. Trata-se do enviado, do mensageiro. A função do mensageiro é ser portador e intermediário da Palavra e da obra de Deus. Houve muitos intermediários nesse sentido disse o autor, mas nos últimos dias - que é hoje - Deus tem falado por Jesus,(1.2; 2.12,16).

Jesus é o Apóstolo e Sumo Sacerdote fiel de nossa confissão. O termo "confissão" é vago e conota muita coisa, por exemplo, o acordo, a vinculação do falante com a palavra, o reconhecimento do imperador, reconhecimento de um só Deus e também, o louvor a Deus, o testemunho da fé. Gira, certamente, em torno do testemunho da carreira da fé proposta, cujo algo é a glorificação de Deus e participação nele e a fidelidade.

A fidelidade de Jesus tem uma relação dupla: para com quem o constituiu apóstolo e Sumo Sacerdote e para com a Casa que somos, (3.6). Nisso o autor faz comparação entre Jesus e Moisés. A diferença está em que Moisés era fiel *em* toda a casa, servo e testemunho do que havia de ser dito, isto é, apontando para o futuro. Ao passo que Jesus é fiel *sobre* (epi) a casa. Temos assim a compreensão da Igreja, do povo peregrino e caminhante de Deus como a casa, habitação, morada e família.

Baseada na fidelidade de Jesus Cristo, que nos traz a presença de Deus e nos leva a Deus como quem está acima da casa que somos, a exortação é para que sejamos participantes dessa fidelidade com ousadia, liberdade e esperança de exultarmos na mesma. O orgulho ou altivez da esperança é o estado de quem é tomado pela esperança. Quem é exaltado por Deus da humilhação e sofrimento como se ouviu na leitura do domingo passado se exulta. Esse é o sinal da participação no apostolado e sumo sacerdócio de Cristo. Então, é uma exortação esperançosa. Diante da ganância, da esperteza, da violência e de tudo quanto enfraquece e destrói a vida participativa, fraterna e de respeito igualitário que ocorre de modo assustador na sociedade e no mundo, a ousadia da esperança sustentada pela fidelidade do Apóstolo e Sumo Sacerdote e Ecônomo de nossa fé pode articular a leitura de Amós e do Evangelho. A Coleta deste domingo sintetiza com poucas palavras a súplica da Igreja, "que a tua graça sempre nos preceda e acompanhe", para Deus inteiramente voltado ao mundo, em favor da humanidade sofredora, seja inspiração na prática de boas obras.(ST)

Santo Evangelho – Marcos 10.17-27 (28-31)

Desde Aristóteles, filósofo grego que foi aluno de Platão, que as pessoas vem desenvolvendo a capacidade de, quando estão diante de um objeto, questionar se estão observando a essência ou apenas os atributos ou acidentes desses objetos. Explico: Diante de um ser humano há que se distinguir entre a essência, a "humanidade", e os acidentes, peso, cor, textura, etc. Para Aristóteles, muitos erros seriam evitados se fossemos capazes de distinguir entre estes dois elementos. Infelizmente, muitas vezes confundimos os dois.

No texto do Evangelho de hoje, Jesus se encontra "a caminho" (v.17) quando, ao seu encontro, se chega um homem que se ajoelha e faz uma importantíssima pergunta: "que farei para herdar a vida eterna?" Diante desta pergunta Jesus inicia uma discussão em que fica claro que aquele homem se esforçava para cumprir todos os preceitos da Lei, mas isso resultava em uma

enorme frustração. Segundo a Bíblia, o homem se retira entristecido com as palavras de Jesus (v.22). Porque isto aconteceu? O que teria dito Jesus que entristeceu tanto aquele homem? Pensando nisso, gostaríamos de meditar sobre o seguinte tema: "Quando guardar os mandamentos não é o bastante".

De acordo com esse texto, compreendemos que guardar os mandamentos não é o bastante quando, em primeiro lugar, os guardamos apenas para nos justificar diante de Deus. Ao ser perguntado sobre o que deveria fazer para herdar a vida eterna, Jesus começa a responder como qualquer sábio judeu responderia, citando os mandamentos. O homem certamente deve ter ficado deveras desapontado. Afinal esta resposta ele já conhecia e, de fato, ela já vinha guardando os mandamentos desde a sua juventude (v.20). Jesus cita boa parte da segunda metade do Decálogo e o homem, por certo agora de pé, senão com o corpo pelo menos em sua arrogância, afirma que vem guardando os mandamentos há muito, como se quisesse dizer: "diga algo que eu não conheço, Jesus", "me diga alguma novidade", "eu já observo tudo isso há muito tempo!" A reação deste homem nos faz lembrar de uma cena descrita por Jesus. Dois homens se encontram em um templo. Um é fariseu o outro é um publicano. O discurso do Fariseu é bem típico: "obrigado, Senhor, porque não sou como este miserável publicano. Eu guardo os mandamentos, eu cumpro a Lei, eu observo as restrições, eu faço isto e aquilo". Enquanto isso, o publicano batia no peito e dizia: "tem misericórdia de mim, pecador". No fim do texto está escrito que só este desceu do templo justificado.

Sempre que tentamos nos justificar diante de Deus estamos perdendo uma boa oportunidade de ficarmos calados. No que diz respeito a pecados não há ninguém isento. "Todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus", diz-nos Paulo. Isto significa que, pelo menos a humildade de reconhecer isso precisamos ter.

Em segundo lugar, guardar os mandamentos não é o suficiente quando os guardamos apenas como uma norma comportamental. Ainda que guardar os mandamentos, cumprir a Lei e observar os preceitos morais da sociedade sejam vistos como coisas importantes para alguém que faz parte da classe dominante e da alta sociedade do lugar, a mera observação de normas e preceitos não é suficiente para se conquistar a salvação. Primeiro (negativamente) porque a salvação ou a perdição nada tem a ver com nossa capacidade de cumprir ou não cumprir mandamentos, ela não depende "de quem quer ou de quem se esforça" (Rm 9:16); segundo (positivamente) porque nossa salvação é o resultado de um ato gratuito e gracioso de Deus: "mas de quem Deus se compadece" (Rm 9:16). Segundo o mesmo Paulo, somos salvos pela fé, e isto, "não vem de vós, é dom de Deus; não pelas obras para que ninguém se glorie". (Ef 2:8,9) Todo o nosso esforço para "conquistar", "adquirir" e "comprar" aquilo que nos é oferecido gratuitamente pelo sacrifício vicário de Cristo, soa como uma ofensa aos olhos de Deus. Não há dinheiro ou esforço suficiente que cubra a oferta que Deus nos faz. Nossas obras, por mais perfeitas que sejam, estarão sempre maculadas com nossa imperfeição e nossa arrogância. Somente quando percebemos que somos completamente inaptos para conquistar a vida eterna e nos rendemos à graça de Deus, compreendemos que tudo o que mais desejávamos estava ali, à nossa disposição, gratuitamente. Venham, tomem de graça e bebem

gratuitamente o que o Cordeiro conquistou com seu sangue. Este é o convite que ouvimos ainda hoje.

Finalmente, guardar os mandamentos não é o bastante quando os guardamos sem sua radicalidade: o amor. Há inúmeras razões que podem ser apresentadas para que alguém guarde certos mandamentos. Enquanto alguém poderia guardar os mandamentos por medo das penalidades que sobrevêm sobre os transgressores, outros poderiam guardá-los motivados pela recompensa de serem apontados publicamente como cidadãos de bem e pessoas exemplares. Mas há uma razão que costuma ficar esquecida: o amor. S. Agostinho já afirmava: "ama e faze o que quiseres". Para Paulo, o cumprimento da Lei é o amor. Segundo o apóstolo dos Gentios, "o amor de Cristo" o constringia a continuar servindo e amando. Como não obedecer a alguém que tanto me amou? Esta é uma obediência motivada não no medo mas no amor. Eu o obedeco porque o amo, diria Tereza d'Ávila. O amor daquele homem, contudo, estava direcionado para outros objetos. Quando Jesus lhe diz "vai, vende tudo quanto tens e dá aos pobres", a reação do homem é esperada: "ele, pesaroso....retirou-se triste, porque tinha muitos bens". O desejo de obter a vida eterna não é tão forte quando o que está em jogo é perder tudo o que foi conquistado na vida. Por isso o seguimento de Jesus é radical e implica em rupturas. Seguir Jesus significa abrir mão de tudo, abandonar tudo, desestabilizar-se, depender apenas dele, obedecer a todas as suas ordens, e isso, por amor.

"Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda este é o que me ama", disse Jesus. Temos amado a Jesus acima de todas as coisas? Temos obedecido os mandamentos motivados apenas pelo amor? (JLFA)